

A tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia *Prometeu acorrentado* de Ésquilo

Ricardo Neves dos Santos*

RESUMO: A tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo permanece inédita. No entanto, tivemos acesso ao manuscrito dessa tradução, o qual está depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), localizado no Rio de Janeiro. Transcrevemos esse manuscrito integralmente na pesquisa que temos desenvolvido na Universidade de São Paulo. Esse artigo divulga alguns dos resultados alcançados e partes da transcrição.

Palavras-chave: Tradução; D. Pedro II; recepção.

ABSTRACT: The Dom Pedro II's prose translation of the Aeschylus' tragedy *Prometheus bond* remains unpublished. However, we have access to the manuscript of this translation, which is deposited in the Brazilian Geographical Historical Institute (IHGB), located in Rio de Janeiro. We transcribed this manuscript integrally in the research that we have developed at the University of São Paulo. This article releases some of the results achieved and parts of the transcript.

Keywords: Translation; D. Pedro II; reception.

1. Objetivos e arcabouço teórico-metodológico

Este artigo apresenta os primeiros resultados da pesquisa que temos desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo. A pesquisa em andamento tem como cerne a tradução em prosa feita por Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, e está estruturada e dividida em três partes, a saber: 1) transcrição integral da tradução feita por Dom Pedro II e das duas versões poéticas feitas a partir dela pelo Barão de Paranapiacaba, as quais foram incentivadas pelo próprio Imperador; 2) cotejo crítico entre a Tradução Imperial e as duas versões poéticas feitas pelo Barão; 3) um levantamento das traduções do *Prometeu Acorrentado* publicadas no Brasil e de seus respectivos tradutores.

No estado atual da pesquisa, já conseguimos realizar uma *transcrição paleográfica*, ou seja, uma transcrição que visa reproduzir as características formais extrínsecas da redação do manuscrito (BERWANGER & LEAL, 2008, p. 35). No entanto, estamos realizando também uma *transcrição diplomática* (Ibidem, p. 35), que tem como principal objetivo manifestar o processo de redação desenvolvido por D. Pedro II. O trabalho inicial de transcrição foi norteado pela leitura de três principais obras, a saber: *Noções de paleografia e diplomática* (2008) de Anna Regina Berwanger

* Ricardo Neves dos Santos é mestrando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Letras, formado em 2012 pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – FFLCH/USP nas habilitações Grego e Português, e Licenciado em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação – FEUSP. Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo desde 2004.

e João Eurípides Franklin Leal, *Introdução à crítica textual* (2005) de César Nardeli Cambraia, e *Fundamentos da crítica textual* (2004) de Bárbara Spaggiari e Maurizio Perugi. Neste artigo, apresentaremos alguns trechos da transcrição *paleográfica* depois de tecermos algumas considerações sobre o perfil de Dom Pedro II como tradutor. Também discorreremos sobre a constatação de que a sua tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado* nunca foi publicada, e de que os estudos acadêmicos se detiveram em analisar as versões poéticas do Barão de Paranapiacaba, esquecendo-se da tradução de Dom Pedro II, a partir da qual as versões poéticas teriam sido feitas.

2.1. O imperador tradutor

Pedro de Alcântara nasceu às 2h30 da madrugada do dia 2 de dezembro de 1825 no Rio de Janeiro. Sua mãe, a Imperatriz Leopoldina, morreu alguns dias depois do primeiro aniversário de Pedro, em 11 de dezembro de 1826 (CALMON, 1975, p. 15). Seu pai, Dom Pedro I, abdicou do trono brasileiro e voltou à Europa, deixando seu filho aos cuidados de tutores (CARVALHO, 2007, p. 31). Privado de sua mãe e de seu pai, o pequeno Pedro de Alcântara tornou-se, por assim dizer, imperador com apenas cinco anos de idade (OLIVIERI, 1999, p. 5). Esse primeiro choque contribuiu para que Dom Pedro II considerasse o trono como uma espécie de fardo (CARVALHO, 2007). Em meio a um ambiente cheio de expectativas e de uma infância sem amigos, o jovem imperador encontrou refúgio nos livros:

D. Pedro II era muito aplicado às atividades de sua educação. Com a idade de nove anos, dominava o Francês e iniciava-se na leitura e tradução do Inglês, além do Alemão, do Latim e do Grego, que eram línguas indispensáveis na formação de um representante da elite da época. No paço de São Cristovão, residência imperial, o herdeiro do trono recebeu lições de Latim, Lógica e Matemática, Religião, Equitação, Pintura e Literatura. A ele ensinavam um pouco de tudo (SOARES et al., 2013, p. 18).

Essa rotina está registrada no diário que o Imperador manteve durante toda a sua vida. Por exemplo, em 4 de dezembro de 1840, quando o monarca contava 15 anos, lê-se: “Levantei-me às horas do costume, e estudarei o meu endiabrado grego(...)”¹. Os resultados desses estudos, contudo, raramente foram dados ao conhecimento público. Ao tratar de suas produções escritas, Dom Pedro II escreve que não foram limadas para se mostrar (LYRA, 1977, p. 93). Entre essas produções, encontra-se a tradução em prosa da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, da qual é significativo o testemunho do diplomata francês Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882).

Constrangido a exercer sua profissão no Brasil, Gobineau encontrava certo refrigério nas palestras literárias que partilhava com Pedro II aos domingos, no Palácio de São Cristovão. Lamentava-se, porém, que seu amigo fosse imperador, pois, segundo ele, Dom Pedro II possuía talentos e méritos demais para tal cargo (RAEDERS, 1944, p. XIX). Apesar de sua estima pelo Imperador, Gobineau estava cansado do Brasil; e depois de meses de insistentes pedidos ao governo francês, conseguiu, enfim, a tão almejada licença para voltar à França; o que de fato ocorreu em maio de 1870.

Antes da partida de Gobineau, Pedro de Alcântara lhe revelou o propósito de fazer uma tradução da famosa tragédia de Ésquilo. Deste então o diplomata francês passou a incentivá-lo a fazê-la em versos. Mas Dom Pedro II ainda estava entregue às

¹ A transcrição de alguns dos diários de Dom Pedro II foi gentilmente cedida pelo Museu Imperial, localizado em Petrópolis, Rio de Janeiro. O trecho citado foi tirado dessa transcrição.

preocupações acerca da longa e cruenta Guerra do Paraguai, que só chegou ao fim depois da morte do ditador Solano López, em março de 1870 (RAEDERS, 1938, p. 17). Talvez o choque entre uma monarquia constitucional e uma ditadura em efetiva expansão tenha suscitado no Imperador o interesse pelo *Prometeu Acorrentado*. Em geral, suas traduções eram de cunho pessoal, muitas vezes suscitadas por discussões e reflexões entre ele e pessoas de sua confiança (SOARES et al., 2013, pp. 25-6; DAROS, 2012, p. 240).

Com o fim da guerra, Pedro de Alcântara escreve a Gobineau afirmando que iria retomar seu projeto de traduzir o *Prometeu Acorrentado* e um dos livros da *Bíblia*, no caso, o do profeta Isaías. Gobineau responde em 7 de janeiro de 1871 (a tradução do *Prometeu* ficaria pronta em 14 de abril do mesmo ano): “A intenção que Vossa Majestade tem de continuar as duas traduções de *Isaías* e de *Prometeu* me causa um prazer extremo” (apud RAEDERS, 1938, p. 34). Mas antes, em 7 de agosto de 1870 (alguns meses depois da queda de Solano López), Gobineau já havia escrito: “Terei em breve a honra de vos enviar, senhor, algumas notas para o *Prometeu* que eu bem quisera ver terminado em versos. Seria um lindo monumento e a ele dou grande importância” (Ibidem, pp. 21-2).

Apesar de todos os rogos de seu amigo francês, Dom Pedro II decidiu fazer uma tradução em prosa da tragédia que fora originalmente composta em versos. Teimosia, imperícia poética ou simplesmente prudência? O que teria feito Dom Pedro II tomar essa decisão? Gostaríamos de tecer e apresentar algumas hipóteses a esse respeito.

2.2. Prosa em vez de verso

No texto *As versões Homéricas* (1994, p. 72), Jorge Luis Borges afirma que:

O conceito de texto *definitivo* não corresponde senão à religião ou ao cansaço. A superstição da inferioridade das traduções – cunhada pelo conhecido adágio italiano – procede de uma experiência desatenta. Não existe um bom texto que não pareça invariável e definitivo se o percorrermos um número suficiente de vezes (grifo do autor).

Entretanto, o mesmo Borges confessa que às vezes se deixava levar pela tão inconveniente “superstição” da inferioridade das traduções em relação à obra traduzida:

Não sei se a seguinte informação seria boa para uma divindade imparcial: *Em un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivia um Hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor*; sei unicamente que toda a modificação é sacrílega e que não posso conceber um outro início para o *Quijote*. Cervantes, creio eu, prescindiu dessa leve superstição, e talvez não tivesse identificado esse parágrafo. Em contrapartida, eu não poderei senão repudiar qualquer divergência. D. Quixote, devido ao meu exercício congênito do espanhol, é um monumento uniforme, sem outras variações que aquelas apresentadas pelo editor, pelo encadernador e pelo tipógrafo. Quanto à *Odisséia*, graças ao meu oportuno desconhecimento do grego, é uma biblioteca internacional de obras em prosa e em verso(...) (Ibidem, p. 72, grifo do autor).

Porém, Pedro de Alcântara não era desconhecedor do idioma grego como Jorge Luis Borges. E por isso mesmo, paradoxalmente correria um maior risco de “contrair” a superstição do *Traduttore Traditore* alegada por Borges, pois “toda a modificação é

sacrílega” para quem conhece bem a língua original de uma obra. Essa hipótese não nos parecerá estapafúrdia se considerarmos as traduções feitas por Dom Pedro II de poesias escritas em línguas modernas e suas tentativas, às vezes obstinadas, de manter a estrutura presente nos originais:

A microanálise das traduções assinala a tendência de Dom Pedro em manter similaridade com as características do original do qual traduzia, ou seja, mantinha com este uma relação formal, procurando conservar-lhe o conteúdo, tal como se apresentava, observando a disposição espacial da métrica e, sempre que possível, a sonoridade da rima (DAROS, 2012, p. 240).

No entanto, a tradução já é em si uma modificação, uma espécie de “reescrita” (LEFEVERE, 2007), e as dificuldades de Dom Pedro II aumentavam ainda mais quando se tratava de uma obra poética escrita em língua grega:

Sendo o ritmo do verso o resultado de certa forma de junção de palavras, de acordo com as leis de versificação, conclui-se que o pensamento poético exposto num certo idioma, e cujas palavras têm seu feitiço sônico próprio, não pode reproduzir, senão por acaso, o mesmo ritmo de tradução para outro idioma. A dificuldade cresce na medida das diferenciações dos idiomas (DE CARVALHO, 1991, p. 137)

Eis o dilema enfrentado pelo douto tradutor: ele é o mais capacitado a traduzir, pois conhece bem a língua original; mas justamente devido a essa familiaridade com a língua da obra a ser traduzida, ele hesita, titubeia, pois a modificação do original pode lhe parecer uma profanação, uma “modificação sacrílega”. Nesse caso, segundo Amorim de Carvalho (1991, p. 138), a tradução em prosa “é a mais fácil a favor da fidelidade ao pensamento poético”. Amorim de Carvalho também afirma que um tradutor pode escolher entre duas disposições numa tradução em prosa:

1,^a Usar a vulgar disposição gráfica da prosa, isto é, sem as linhas independentes dos respectivos versos no original, por não haver na tradução obtida elementos manifestos e intencionais de divisões rítmicas;
2,^a Manter a disposição gráfica dos versos em linhas de prosa independentes (“versos livres”), para facilitar o confronto, o que é um processo didático interessante (Ibidem, p. 137).

Para esse autor, a tradução em “versos livres” é uma espécie de prosa, já que nesse tipo de tradução não há uma preocupação especial com o ritmo e a melodia dos versos (Ibidem, pp. 137-141). E de fato, geralmente as traduções chamadas “acadêmicas” optam pelos “versos livres”, não por uma preocupação estética, mas sim “para facilitar o confronto, o que é um processo didático interessante” (Ibidem, p. 138).

Pode estar aí a razão de Dom Pedro II ter escolhido a prosa em vez do verso. Apesar de seu apreço pela arte e pela literatura, suas aspirações linguísticas prevaleciam sobre as poéticas. Para ele, a tradução era um meio privilegiado de leitura hermenêutica e heurística. Parece que seu objetivo principal quando traduzia era o entendimento profundo do próprio texto e da língua que fora escrito, mais do que o anseio por criar uma obra de arte e ser reconhecido por causa dela; anseio que possuía, mas não prevalecia (DAROS, 2012, pp. 237-40). Por outro lado, caso Dom Pedro II realmente

intentasse fazer uma tradução poética em versos, mesmo com a impossibilidade de reproduzir os efeitos rítmicos e sonoros do original, uma possibilidade era tentar aplicar ao pensamento poético de Ésquilo um ritmo e melodia diferentes, como fez muitas vezes Castilho traduzindo Molière:

A forma extrema de recurso, dentro da tradução em verso, será a chamada *tradução livre*: o pensamento poético é aqui tratado, e até desenvolvido, numa expressão verbal e rítmica liberta das preocupações comuns da fidelidade da tradução. É uma criação pessoal com um tema emprestado (DE CARVALHO, p. 140).

É o que foi empreendido pelo barão de Paranapiacaba em suas duas versões poéticas do *Prometeu acorrentado* (1907). No entanto, acreditamos que a *tradução livre* seria uma empreitada difícil de ser realizada por um tradutor com o perfil de Dom Pedro II. Sua condição de estadista, vista por ele nem sempre com bons olhos, provavelmente o colocaria numa posição vulnerável, sujeita a julgamentos tendenciosos e injustos acerca de sua competência literária; razão provável pela qual não publicara nenhum livro enquanto reinou.

Talvez o olhar culto e atencioso de amigos estrangeiros o ajudasse a transpor os obstáculos que lhe impediam de se aventurar numa *tradução livre*. Entre esses amigos, como já mencionamos, estava Gobineau, que não se intimidava pelo fato de Pedro de Alcântara ser imperador, bem como Victor Hugo, a quem se destinavam algumas de suas cartas e traduções (DAROS, 2012, p. 237). No entanto, mesmo que Dom Pedro II mudasse de intuito e procurasse fazer uma versão poética do *Prometeu* a partir de sua tradução em prosa, esse intento seria desestimulado com a morte do principal interessado numa versão poética em versos: Gobineau, falecido em 1882. E de fato, Dom Pedro II, mesmo depois da morte do diplomata francês, não esquecera de todo o pedido feito por seu amigo; pois em 1889 solicitou a João Cardoso de Menezes, o barão de Paranapiacaba, que fizesse uma versão poética do *Prometeu Acorrentado* a partir de sua tradução em prosa. O Barão afirma que alguns dias depois de receber o manuscrito, o Imperador tornou-se prisioneiro em seu próprio palácio, devido à ação dos proclamadores da nova ordem, a República. Reproduzo a ortografia original do livro publicado por Paranapiacaba em 1907, no qual narra o ocorrido:

Ao retirar-me, S.Magestade recomendou-me não me esquecesse do “Prometheu Acorrentado”, cujo original me havia entregado na penultima conferencia. Nunca mais o vi. Partio para Petropolis, donde regressou a 16 de Novembro, para ficar prisioneiro no paço da cidade (PARANAPIACABA, 1907, p. 224).

Paranapiacaba ainda informa que tentou ver o Imperador, mas em vão, uma vez que:

(...) o Monarcha, com Sua Magestade a Imperatriz, a princeza Imperial D.Izabel, o príncipe consorte e um de seos filhos, ficou detido n’esta capital no paço da cidade, sob a vigilância de sentinelas, alli postadas por ordem dos proclamadores da Republica. Dous dias depois, a horas mortas da madrugada, fizeram-n’o embarcar no Alagôas, vapor mercante do Lloyd Brasileiro, que, armado em guerra, seguio, barra fora, levando caminho do exílio. (...) Em dezembro de 1889, na cidade do Porto, vio morrer, victimada por torturas moraes, a virtuosa esposa, que lhe fora

anjo de conforto.(...) Na efusão do entranhavel amor, com que extremeceo,[D. Pedro II] fez transpor á Europa uma pouca de terra, extrahida do solo brasileiro, para encamar o ataúde, em que devia ser conduzido á derradeira morada. E com efeito, seo coração, já enregelado, esse coração(...) repousa hoje, unido a esse punhado de terra da pátria, pela qual sempre palpitou, afervorado, até o derradeiro aneio” (Ibidem, p. 265).

Cerca de cinco anos depois da queda da Monarquia, o Barão mostra o caderno no qual estava a tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado* feita por D. Pedro II ao Conselheiro Lafayette:

(...) numa daquellas agradáveis palestras, em que roças por todos os assumptos, amenizando-os e salpicando-os com o teo inexgotavel sal Attico, mostrei-te um pequeno livro contendo a tradução literal do *Prometheu Acorrentado*, de Eschylo. Conheceste logo a lettra do manuscritto, pois te era familiar, desde que occupaste e honraste os altos cargos de presidente do Conselho de Ministro da Fazenda. Fôra D. Pedro II quem escrevera aquella tradução, por elle feita do original grego. Fôra o Imperador quem me entregara aquelle volumito, manifestando o desejo de que eu trasladasse para verso portuguez a sua prosa (PARANAPIACABA, p. 169).

Dom Pedro II nunca pôde ler as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba; pois a primeira só começou a ser feita após quase 10 anos do dia em que entregou seu manuscrito ao Barão. Este escreve em 10 de outubro de 1899 ao Conselheiro Lafayette: “Entrando, ultimamente, em forçado repouso de um mez, metti hombros á empreza, de que me havia, com satisfação, incumbido; encetei e levei a cabo a accommodação poética daquella versão” (Ibidem, p. 170).

Nos anos iniciais da República Brasileira, quem demonstrasse publicamente simpatia pelo Imperador deposto corria o risco de sofrer retaliações por parte do governo provisório. Foi o que aconteceu com Carlos de Laet, que foi exonerado de seu cargo de professor por ter se oposto à mudança de nome do Colégio Pedro II para o nome “Instituto Nacional de Instrução Secundária” (MAURICÉA FILHO, 1972, pp. 211-3). O Barão de Paranapiacaba era considerado um monarquista convicto (ABRANTES, 1978, pp. 172-3), talvez por isso ele tenha demorado quase 10 anos para empreender a versão poética solicitada pelo Imperador, esperando condições mais favoráveis e evitando possíveis retaliações. Se Dom Pedro II não tivesse sido banido do Brasil em 1889, provavelmente as versões poéticas feitas pelo barão seriam analisadas e limadas no grupo de estudos que Pedro de Alcântara liderava (PARANAPIACABA, 1907, pp. 192-3). No entanto, *o que poderia ter acontecido* ou *o que poderia acontecer*, como escreveu Aristóteles (*Poética*, 1451b), é poesia, não história.

2.3. A inédita tradução em prosa do Imperador

Em *Manuscrito e Tradução: espaços de criação*, Sergio Romanelli (2014, p. 113) escreve:

Somente três obras traduzidas pelo Imperador foram até hoje publicadas, a saber:

- 1) *Prometheu Acorrentado*. Vertido literalmente por Dom Pedro II; transladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.
- 2) *Poesias (originais e traduções) de D. Pedro II* (1889), sendo esse uma homenagem de seus netos;
- 3) *Poesias Hebraico-Provençais do ritual israelita Comtadin*, impressa em Avignon, em 1891.

Em visita ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB), conseguimos consultar e fotografar a obra acima citada por Romanelli. Causou-nos surpresa ao constatar que a edição a qual é considerada uma das poucas publicações das traduções de D. Pedro II, não traz, porém, a reprodução de sua tradução feita em prosa, mas apenas as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba.

Em *O Prometeu dos Barões*, Haroldo de Campos (1997) faz um importantíssimo resgate de trechos da versão poética de Paranapiacaba na qual predominam versos decassílabos soltos. No mesmo compêndio onde se encontra o ensaio, há a reprodução integral da tradução do *Prometeu Acorrentado* feita por Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz, professor de grego do Colégio Pedro II (pp. 255-86); a tradução de Ramiz também foi feita a pedido do Imperador. Contudo, a tradução de Dom Pedro II não entra em análise.

Paula da Cunha Corrêa, no texto *Em busca da tradição perdida* (1999), faz uma bela análise cotejando alguns dos versos selecionados por Haroldo de Campos de uma das versões do *Prometeu* de Paranapiacaba com os versos correspondentes da versão de Ramiz Galvão, e também com os da tradução de Trajano Vieira, sempre tendo o texto original em vista. Contudo, também esse interessante texto não teve a tradução de D. Pedro II em foco.

Em *O Barão de Ramiz* (1972), A. Mauricéa Filho coteja a outra versão poética de Paranapiacaba com a tradução de Ramiz Galvão, também tendo em vista o texto original de Ésquilo, e às vezes fazendo intervir soluções da tradução Portuguesa de Bazílio Teles. Embora ele faça uma importantíssima e bela descrição da existência real do Manuscrito Imperial (pp. 243-4), não o coteja, porém, com as traduções de Paranapiacaba e Ramiz Galvão. Quase no final da análise, apenas cita um pequeno trecho da tradução de Dom Pedro II, a saber²: “do que então se apresentava, parecia o mais acertado, tomando comigo a minha Mãe, auxiliar de boa vontade a Júpiter, que o queria” (Ibidem, p. 261).

Dom Pedro II foi o fomentador de pelo menos três versões do *Prometeu Acorrentado*. É lamentável que sua tradução em prosa ainda não tenha sido estudada mais detalhadamente. Como, então, poderíamos dizer que *O Prometeu Acorrentado* de 1907, citado por Romanelli, é uma das poucas traduções do Imperador publicadas até então? Até que ponto as versões de Paranapiacaba estão ligadas semanticamente à tradução do Imperador? Será que os méritos, ou os pontos fracos dessas versões podem ser atribuídos também à tradução em prosa de Dom Pedro II? Ainda não foi feito um estudo cotejando as duas versões da lavra de Paranapiacaba tendo em vista o Manuscrito Imperial do qual – em tese – descendem. A tradução de Dom Pedro II e as suas posteriores versões poéticas são fenômenos interessantes pelos quais podemos tentar entender a complicada relação que há entre os conceitos de *tradução* e

² Nesse importante ensaio biográfico e crítico escrito por A. Mauricéa Filho, encontram-se os fac-símiles de duas páginas do Manuscrito Imperial. Uma delas foi reproduzida também no ensaio *O Prometeu dos Barões*, de Haroldo de Campos.

trasladação que as envolvem. Nota-se, portanto, a importância e a pertinência de uma pesquisa nesse sentido.

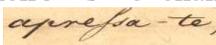
Graças ao apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, localizado no Rio de Janeiro, conseguimos uma cópia do manuscrito da tradução em prosa feita por Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo (Doc.4695-A). Tal manuscrito já foi transcrito integralmente na pesquisa que temos desenvolvido na Universidade de São Paulo, que trará também as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba.

Apresentaremos a seguir os aspectos gerais do manuscrito e os critérios adotados em sua transcrição.

3. Aspectos gerais do manuscrito e sua transcrição

O Manuscrito Imperial ocupa 47 páginas (23 fólios e meio) de um caderno com capa de papelão indeformável, 23 centímetros de comprimento por 19 centímetros de largura e 1 centímetro de espessura (MAURICÉA FILHO, 1972, p. 244); a data do término da tradução é colocada na última página do manuscrito. A numeração das páginas parece ter sido feita à lápis, de forma altercada (somente as ímpares são numeradas). No entanto, a página 7 do manuscrito foi erroneamente marcada como página “6”. O equívoco persiste até o final do manuscrito, marcando a última página como “46”, sendo que há 47 páginas de tradução.

A seguir, apresentaremos os critérios gerais adotados em nossa *transcrição paleográfica* do Manuscrito Imperial:

- a) Palavras com “s” duplicado apresentam uma característica interessante na caligrafia do século XIX no Brasil: o primeiro “s” é chamado *caldado* (BERWANGER & LEAL, 2008, p. 100):  “apressa-te”. Essa particularidade da caligrafia não era reproduzida nas publicações tipográficas da época, e seguimos essa tendência em nosso trabalho de transcrição.
- b) A pontuação original foi mantida.
- c) As maiúsculas e as minúsculas foram mantidas tal qual estão presentes no original.
- d) A ortografia foi mantida na íntegra, não se efetuando nenhuma correção gramatical:

Chòro

Dize, e aconselha-me outra cousa; pois que me seduziste com essas palavras de nenhum modo toleraveis. Como é que me ordenas praticar infamias? Com elle quero soffrèr o que fôr necessario; pois aprendi a aborrecèr os traidores, nem ha peste que mais me repugne do que esta.

- e) A transcrição do texto foi feita de forma corrida, e a divisão original dos parágrafos, respeitada.
- f) Indicamos a numeração original da página entre colchetes, ex.: [fl.3], mesmo no meio do texto corrido, quando necessário. A indicação foi sublinhada quando a página no manuscrito não foi numerada, ex.: [fl.4].
- g) Os elementos textuais interlineares ou marginais autógrafos que completam o escrito foram inseridos no texto entre os sinais <....>:

Prometheu

<Oh ar divino>, e ventos de azas velozes, e fontes dos rios,(...).

- h) Outras particularidades do manuscrito foram indicadas por meio de notas de rodapé.

Ramiz Galvão (o Barão de Ramiz), em seu *Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega* (1909, p.III), afirma que não havia um acordo ortográfico único no Brasil, e que os dicionários de língua portuguesa de sua época:

(...) cada qual grapha como entende, e os próprios glottologos discutem sem resultado práctico as vantagens dos systemas phonetico, etymologico e eclecticico, que correspondiam ás trez correntes de opinião nesta matéria³.

Ramiz Galvão estava ligado à vertente chamada “etimológica”. Em sentido lato, esse sistema ortográfico preconizava que as palavras vernáculas deveriam utilizar as palavras latinas ou gregas como paradigmas para sua escrita (a etimologia nem sempre era feita de forma rigorosa por alguns autores, o que gerava confusão e variedade na grafia de algumas palavras). Era comum, por exemplo, transliterar as letras gregas θ, φ, χ por th, ph e ch nas palavras portuguesas que tivessem sua origem no idioma grego, como, por exemplo, *eschola* “escola” (RAMIZ GALVÃO, 1909, p. IV-V)⁴. Dom Pedro II parece seguir tal sistema ortográfico em sua tradução em prosa.

Apresentaremos alguns exemplos tirados do próprio Manuscrito Imperial para explicitar as principais diferenças entre a ortográfica vigente em nossos dias e a adotada por D. Pedro II. Vejamos:

- 1) A forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo tem o sufixo em “-ão” em vez de “- am”:

*Pois as palavras que ouviste agora nem no proemio te **pareção** estar.*

A terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito apresenta o sufixo “-vão” em vez de “-vam”:

*(...)das Amazonas, que odía os homens, as quaes **habitavão** um dia Themiscyra, junto ao Thermodonte, onde está o aspero queixo Salmydessio inhospito aos nautas; <madrasta> dos navios.*

- 2) A forma da primeira pessoa do singular do presente indicativo do verbo “odiar” é *odío* em vez de “odeio” e da terceira pessoa do singular é *odía*, em vez de “odeia”:

*Em uma palavra **odío** todos os deuses; quantos beneficiados me fazem mal injustamente.*

- 3) As palavras proparoxítonas não são acentuadas, como, por exemplo, *animo* (ânimo); *aspero* (áspero); *artifice* (artífice); *colera* (cólera); *discordia* (discórdia); *habito* (hábito); *miseros* (miseros); *Tartaro* (Tártaro).

³ Reproduzimos a ortografia da publicação original.

⁴ A corrente etimológica foi teorizada inicialmente por Duarte Nunes de Leão na sua *Orthografia da lingua portugueza* em 1576. Outro autor importante foi Madureira Feijó com sua *Orthographia, ou Arte de Escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza* em 1734, obra na qual defende a etimologia na ortografia.

- 4) As palavras paroxítonas terminadas em “a(s)”, “o(s)”, “e(s)” são acentuadas com (ˆ), se o som da sílaba tônica for fechado, e com (˘) se o som for aberto:

Algêmas (algemas); *ansiòso* (ansioso); *fóra* (fora); *oceàno* (oceano).

As paroxítonas terminadas com as demais consoantes e as terminadas em ditongo não são acentuadas.

- 5) As palavras oxítonas terminadas em “em” e “ens” não são acentuadas: *alem* (além); *alguém* (alguém); *ninguem* (ninguém); *porem* (porém); *tambem* (também). Já nas versões poéticas da lavra de Paranaíacaba (1907), é possível ver a forma “porém”.
- 6) Palavras oxítonas terminadas em “er” e “or” são acentuadas:

Expectadòr (expectador); *terròr* (terror); *vèr* (ver).

- 7) A crase é marcada com (˘) em vez de (ˆ):

(...) *voltará ainda anciòso á concordia*, (...).

- 8) O uso dos pronomes átonos *la(s)* e *lo(s)* é bastante peculiar:

Denuncial-o-ei (denunciá-lo-ei); *explical-o-ei* (explicá-lo-ei); *ignoral-o* (ignorá-lo); *obtêl-a* (obtê-la).

- 9) A *ortografia etimológica* deu origem às seguintes grafias encontradas no manuscrito:

Afflicto (aflito); *dezejava* (desejava); *emtorno* (entorno); *ephmeros* (efêmeros); *irmaãs* (irmãs); *monarcha* (monarca). Exemplo:

(...) *donzellas anciaãs*, com forma de *cysne*, possuindo um olho *commum* e um dente, a quem nem o sol olha com seus raios, nem a *nocturna* lua. Perto estão suas *trez irmaãs*, as *aligeras*; *anguicomas* *Gorgones* aos *mortaes* odiosas, que nenhum mortal encarando *conservará o espirito vital*.

- 10) “Porque” como forma única para “por que” e “porque”.

Porque *hesitas então em dizer-me tudo?*

Essas são as características gerais do manuscrito e de sua ortografia.

Para encerrar, citaremos um trecho de nossa transcrição, referente à última fala de Prometeu traduzida por Pedro de Alcântara (vv.1080-93). A passagem em questão possui uma forte carga dramática. Por meio dos cataclismos naturais descritos na fala de Prometeu, Zeus e sua terrível fúria se fazem presentes em cena:

Prometheu

E de facto, e não mais por palavras <balança-se> a terra: rebõa o echo rugidõr do trovão; brilhão as espiraes <ardentes>do relampago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sòpros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de oppostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. Taes impetos contra mim vem manifestamente de Jupiter para mettèrem mèdo. Oh nume de minha mãe, [fl.47] oh ar que volves a luz commum de todos, vès quão injustamente soffro.

REFERÊNCIAS

BARMAN, Roderick. *Citizen Emperor: Pedro II and the making of Brazil, 1825-1891*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

BERWANGER, Anna Regina & LEAL, João Eurípides Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 3.ed. revista e ampliada. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

BORGES, Jorge Luis. As versões Homéricas. In: *Discussão*. Tradução de Claudio Fornari. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2003.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II, 1-5*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1975.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. O Prometeu dos barões. In: ALMEIDA, G.; CAMPOS, H.; TRAJANO, V. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CORRÊA, Paula da Cunha. Em busca da tradição Perdida. *Revista USP*, São Paulo, nº 42, pp. 172-179, junho/agosto, 1999.

DE CARVALHO, Amorim. *Tratado de versificação portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.

DAROS, Romeu Porto. Dom Pedro II: o imperador tradutor. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, SC, nº11, pp. 227-44, 2012, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237> 2012n11p227/22658. Acesso em: 19 mar. 2018.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*, tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825-1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

MAURICÉA FILHO, A. *Ramiz Galvão/O barão de Ramiz (1846-1938)*, Brasília: Instituto Nacional do Livro- MEC, 1972.

OLIVIERI, Antonio Carlos. *Dom Pedro II, Imperador do Brasil*. São Paulo: Callis, 1999.

PARANAPIACABA, Barão de. *Ésquilo/Prometheu Acorrentado. Vertido literalmente para o portuguez por Dom Pedro II; trasladação poética do texto pelo Barão de Paranaapiacaba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *D. Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Atlantica Editora, 1944.

RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin. *Vocabulário etymologico, orthographico e prosodico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

ROMANELLI, Sergio. Manuscrito e tradução: espaços de criação. *Itinerários*, Araraquara, nº 38, pp. 105-123, jan/jun.2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerários/article/download/7217>. Acesso em: 09 ago.2016.

SOARES, G. N.; ROMANELLI, S.; SOUZA, R. *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copy Art, 2013.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

Data de envio: 02-04-2018

Data de aprovação: 08-07-2018

Data de publicação: 15-08-2018